

O Progresso Catholico

... sequor antem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *Curas de Lourdes*.—Secção Historica: *O Papa Clemente V*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; *Cialdini*, por Cesar Carmo.—Secção Critica: *A educação e os exames officiaes*, por o ex-alumno do lyceu J. A. R.; *Instrui! Instrui!*, por A. A.—Secção Necrologica, por D. P.—Secção Litteraria: *O Canto da Orphã*, por Exir.—Retrospecto, por D.—Variedades: *Uma boa lição*, Vers. de Cesar Carmo.

Gravuras: *Fenelon; Cathedral d'Antuerpia*.



FENELON

SECÇÃO RELIGIOSA.

Curas de Lourdes

CADA um dos factos extraordinarios da cidade de Maria dariam assumpto para um grosso volume. Quantas orações a precederem esses factos, quanto jubilo a acompanhados, quam doce expansão d'alma em fervoroso agradecimento depois de recebidos?

Toda a face da terra é um valle de lagrimas, arrancadas pela penuria, pela nudez, pelo abandono, pelo insulto, pelo desprezo, pela traição, pelo rigor, pela crueza, pelo crime enfim de toda a especie.

Lourdes porém é o valle das consolidações.

Alli chora-se, mas as lagrimas despertadas n'aquelle paraíso cicatrizam todas as ulceras.

Vejamos o facto mais saliente de 15 d'agosto, consoante nol-o conta o «Journal de Lourdes»: Jacquellina Guilhaud, de Parthenay, de 19 annos, estava doente desde o mez de maio de 1888. Um resfriado concentrado no peito produziu-lhe uma tosse inquietadora, levando-a a uma anemina, a uma fraqueza extrema. Em janeiro de 91, após um ataque de sarampo, adveiu-lhe uma crise de rheumatismo, que a reteve no leito, incapaz de qualquer movimento, por um mez inteiro.

As funcções digestivas eram sobremodo difficultosas; vomitava todos os alimentos e quarenta dias passou sem nada tomar, alimentada tam sómente por meios artificiaes. Syncopes frequentes a reduziam a grave aniquillamento, deixando-a prostrada por duas e tres horas.

Em dezoito mezes, segundo seu pae affirma, não comeu 15 grammas de pão: um ovo, um pouco de caldo eram o sustento quotidiano. As pernas incharam, a fraqueza não podia ser mais.

O pae, assustado pela gravidade e prolongamento do mal, mandou vir de Pariz um distincto especialista, o doutor Gombaud, que examinou a doente, sem que ella lhe podesse falar, porque uma syncope a senhoreou durante a consulta. O tractamento do medico pariziense não deu melhor effeito que o dos collegas da provincia.

Todavia, a 21 de junho de 91, após uma novena a Nossa Senhora de Lourdes, sentiu a paciente uma melhora relativa: o andar no emtanto era ainda difficil e as funcções do estomago incompletas. A 20 d'agosto veiu a doente agradecer a Nossa Senhora de Lourdes este comêço de melhora; tomou banhos na piscina, mas continuou no mesmo estado valetudinario.

Na entrada de junho ultimo levou a

o pae a Pariz, onde a confiou aos cuidados d'outra celebridade medica, o doutor Raymond, que a mandou entrar para uma casa de saule, sem prometter qualquer restabelecimento, porque não ignorava que um tractamento demorado apenas traria alguma modificação.

O doutor aconselhou o uso do gelo para deter os vomitos, a massagem e a electricidade para inculir algum movimento ás pernas.

Jacquellina andava com difficuldade antes de chegar a Pariz, mas no fim d'um mez era impossivel dar um passo. Sobreveiu um novo ataque rheumatismal, debellado pelos srs. Delpech e Verrier na ausencia do facultativo assistente.

Vãmente ensaiaram todos os meios; o estado da inferna agravava-se cada vez mais.

O pae, desalentado, quiz regressar com a filha a Parthenay, o que o medico approvou, aconselhando um repouso de dois ou tres mezes, para voltar a Pariz no comêço do inverno.

—Quando viemos, ainda andava alguma coisa, dizia o pae angustiado, mas agora vejo-a tolhida de vez. Vai ter uma viagem das mais dolorosas. Que probabilidades teremos da duração e resultados da doença?

—O tractamento será mais ou menos longo, e o resultado incerto.

Deixam Pariz. Jacquellina está deitada no vagão; a viagem é realmente um vivo tormento. Mas chegados a Parthenay demoram apenas um instante, urge chegar a Lourdes, a supplicar á Sancta Virgem uma cura para que a sciencia humana é incompetente.

A familia Guilhaud chegou a Lourdes em 14 d'agosto. A inferna, estendida n'uma maca, ha quatro dias que apenas toma o summo d'uma laranja e bebe agua da Gruta. As syncopes são quasi sem interrupção.

No dia 15 depõem a joven na igreja do Rosario, defronte do altar-mor. Ha mais de dois mezes sem poder assistir á missa, ouviu a das 9 horas e levaram-lhe a sagrada communhão. Depois da communhão sente uma dôr agudissima, vem lhe um estremecimento a todos os membros infernos, depois um bem-estar instantaneo e completo. Levanta-se, e, sem tento do que faz, prostra-se de joelhos; conserva-se por um quarto d'hora sem carecer de apoio, com grande assombro de toda a familia.

Conduzem-na á piscisna, e ao sair d'alli dirige-se, a pé, para a Gruta. Dentro em pouco exige de comer; repentinamente o estomago recupera a facultade de digerir, e o gosto dos alimentos, perdido ha dezoito mezes.

Dando o braço a seu pae, vai ao es-

criptorio das verificações, apresentar-se aos medicos. Vacilla ainda um pouco; no entanto um indiscriptivel raio de esperanza illumina e anima sua phisionomia. N'aquelle tarde permanece duas horas na Gruta: assent-se, levanta-se; ajoelha, sem esforço nem fadiga. Caminha a pé para o hotel, toma lugar á mesa commum, e a custo lhe saciam o desejo de comer. D'hora em hora é mais visivel, mais solida a maravillosa cura, e com passo firme circula Jacquellina todos os dias, da igreja á Gruta e nas avenidas adjacentes.

Jacquellina Guilhaud soffria sem duvida d'uma doença nervosa, essencialmente grave, contra a qual eram impotentes os esforços todos da medecina.

Havia n'ella um dispendio organico, levado ao extremo limite, e foi uma verdadeira resurreição a que n'ella se operou em alguns segundos, não na piscina sob a influencia da reacção produzida pela agua fria, nem com a agitação e entusiasmo das multidões, mas d'um modo inconsciente, em seguida á sancta communhão, que a joven inferna praticava muitas vezes.

—A todo o momento me perguntam, diz o pae da miraculada, como e porque foi minha filha curada; inquirim se a doença era incuravel e se a cura foi um milagre. A todas estas perguntas respondo com uma palavra: «Eu não sou medico, nem tenho a pretensão de resolver questões de principio e de doutrina. Trouxe a Lourdes a minha filha agonisante, sem esperanças de a restabelecer, e vejo-a andar deante de mim no meio de suas irmãs; não se cança de orar á sancta Virgem e dar-lhe graças pelos beneficios recebidos. Eu faço como ella. Os nossos parentes, os nossos amigos, todos os que nos conhecem e nos amam, farão como nós fazemos.»

Em face d'um resultado tam inesperado e completo, inutil se torna a discussão sobre a natureza da doença, ou o modo o a possibilidade da cura: é-se feliz em inclinar a fronte e deixar-se absorver totalmente por um profundo sentimento de gratidão.

(Continúa)

SECÇÃO HISTORICA

O Papa Clemente V

No n.º 17 do *Progresso Catholico*, na secção illustrada, artigo Avinhão, em que se trata das phrases por que tem passado esta cidade, diz-se o seguinte:

«Desde 1309 até 1376 foi habitação dos soberanos Pontifices, tempo a que

deram a designação de *setenta annos de captivo*, occupando por todo elle a cadeira de S. Pedro o infeliz Clemente V, João XII, Bento XII, Clemente VI, Urbano V e o piedoso Gregorio XI, que animado pela Mãe de Deus, etc.»

Ponhamos agora de parte os *setenta annos de captivo*, e a incorrecta enumeração dos Pontífices que durante esse tempo occuparam a cadeira de S. Pedro em Avinhão, para só fallarmos do Papa Clemente V, a quem se denomina *infeliz*, não sabemos por que razão.

Sabemos que a memoria d'este grande Pontífice tem sido ultrajada por muitos historiadores: mas á luz da historia bem estudada se mostra que este Papa correspondeu á sua elevada missão na Igreja e na sociedade.

Clemente V floresceu nos principios do seculo XIV, quasi ao declinar da idade media, epocha que não foi destituída de grandeza e de gloria, apesar dos seus erros e faltas que são de todos os tempos.

Falleceu este Pontífice a 20 de abril de 1314, estando sentado na cadeira apostolica quasi dez annos. Tinha-lhe precedido o glorioso governo de Bonifacio VIII, e o ephemero pontificado de S. Bento XI.

Clemente V não merece os ultrajes com que tem sido opprimido: deante dos factos, ministrados pela historia, cahem por terra as accusações dirigidas contra elle.

Baixou ao tumulo S. Bento XI a 6 de julho de 1304; e em seguida esteve vaga a Sé Apostolica quasi onze mezes, porque os cardeaes não se accordavam sobre a eleição do novo Pontífice, querendo uns que fosse italiano, e outros francez.

Depois de grandes contendias foi eleito Bertraudo de Goth, francez, Arcebispo de Bordeus (e nao de Lyon, como alguns dizem) que tomou o nome de Clemente V.

Pertencia elle á principal nobreza da diocese de Bordeus, e, eleito por unanimidade Vigario de Christo na terra, foi coroado em Lyon a 14 de novembro de 1305.

Este Pontífice estabeleceu a sua residencia em Avinhão, e ali permaneceu a Sé Pontifical quasi setenta annos, isto é, até o anno de 1376, no tempo de Gregorio XI.

Por este mouvo é que se tem feito graves accusações a Clemente V, e se tem calumniado, seguindo os accusadores aos Villani, historiadores de Florença e inimigos declarados dos Papas de Avinhão, que, todavia, eram verdadeiros e legitimos Pontífices, antes do grande scisma do Occidente. Porquanto é preciso não confundir uma coisa

com outra: fallamos dos Papas de Avinhão anteriores ao scisma; são duas epochas differentes.

Ora a verdade é o que passamos a expôr.

Bertrando de Goth, sendo Arcebispo de Bordeus desde o anno de 1300, era um Prelado corajoso, inteiramente dedicado á Santa Sé; em 1302, apesar da prohibição expressa de Philippe o Bello, rei de França, foi a Roma assistir ao Concilio que celebrou Bonifacio VIII, e apoiou todas as medidas tomadas por este energico Pontífice.

Quando foi elevado á cadeira de S. Pedro, sem a procurar, andava visitando a sua diocese de Bordeus, como optimo Pastor.

Assim é claro que o rei de França era o maior inimigo de Clemente V, ou ao menos este não devia merecer confiança alguma nas suas emprezas contra a liberdade da Igreja.

Em consequencia d'isto, é falso o que alguns contam do pacto feito entre elles antes da eleição. Não houve nem podia haver tal convenio.

Clemente V, amigo da paz, sobre o throno de S. Pedro, cedeu no que pôde, sem comprometter a dignidade da Santa Sé, nem a causa do Catholicismo.

Nunca annuiu aos desejos do rei que queria que fosse condemnada a memoria de Bonifacio VIII; somente explicou as Bullas d'este Pontífice, como já tinha feito o seu antecessor S. Bento XI.

E', portanto, tambem falso que elle revogasse essas Bullas; apenas as modificou n'aquillo que é meramente disciplinar.

Se Clemente V fixou a sua residencia em Avinhão (o que na verdade foi um grande mal, que no futuro teve tristes resultados), é certo que teve para isso razões fortes: a cidade de Roma não lhe offerecia as condições de tranquillidade e de segurança.

Concedendo ainda que Clemente V errasse em transferir a Santa Sé para Avinhão, devemos dizer que esse erro foi partilhado por outros homens d'aquella epocha, e era effeito das circumstancias criticas da Italia.

E depois convem notar que Avinhão era uma cidade quasi independente, e tinha sido cedida ao Papa S. Gregorio X por Philippe o Atrevido.

Em 1311 celebrou Clemente V o concilio ecumenico de Vienna, na França, onde foi extinta a Ordem dos templarios, e se declarou solemnemente, de commum accordo, que Bonifacio VIII tinha sido um Pontífice legitimo pela eleição, catholico na doutrina, e innocente quanto aos outros artigos de accusação por parte de Philippe o Bello.

Como se vê, Clemente V portou-se com toda a coragem e dignidade, tran-

sigindo unicamente no que era possivel, attendendo ás circumstancias.

E' sempre esta a politica eterna da Santa Sé, vasada nos moldes do Evangelho, segundo as regras da justiça e da prudencia.

A extincção da Ordem do Templo tem dado tambem causa a ser censurado Clemente V. Comtudo está provado que o Papa procedeu n'este caso com toda a prudencia e equidade.

Além d'isso convem saber que aquella Ordem foi abolida, não por sentença definitiva, mas por uma provisão, como declarou o mesmo Pontífice.

Affirma Voltaire que Clemente V abollira a Ordem dos templarios só por sua auctoridade, n'um consistorio secreto; mas, ainda que isto fosse verdade, nada significava contra o valor da medida, nem depunha contra o procedimento do Papa. Elle não tinha obrigação de consultar ninguem, nem de seguir o seu parecer.

E' falso, porém, o que diz o truão da regencia, pois que a extincção dos templarios foi decretada no Concilio ecumenico de Vienna, com approvação d'esta famosa assembleia ecclesiastica.

Spondano, Rayualdo e outros tem refutado as accusações contra Clemente V.

È podemos concluir que foi um Papa sabio e prudente, e nas circumstancias em que reinou não podia exercer o seu officio pastoral com mais dignidade.

P.º João Vieira Noves Castro da Cruz.

Cialdini

CELEBRE general italiano falleceu em 6 de setembro corrente, com 91 annos de idade. Nasceu em Castelvetro em 1811. Estudou com os jesuitas, e seguiu o curso de medecina na universidade de Padua. Em 1831 alistou-se nas milicias insurgidas do general Zanko. Transportado a Marselha depois da capitulação de Ancona, passou a Pariz a continuar a medecina, mas a falta de recursos induziu-o a vir a Portugal, onde se alistou contra D. Miguel, passando em seguida a Hespanha, a batalhar contra D. Carlos. Soldado italiano, tomou parte em 48 e 49 na guerra contra a Austria e esteve na Criméa. Mas na guerra desleal da casa de Saboia contra o Pontífice Pio IX, desde 1860 até á famosa derrocada da Porta Pia, em 1870, é que Cialdini se tornou mais conhecido.

Em 1860, em Castellfardo, dois personagens obtiveram renome, um infelizmente, e foi Cialdini, e outro gloriosamente, e foi Jorge de Pimodan. Este

ultimo, d'uma familia distinctissima da França, coronel austriaco aos 32 annos, veio, no vigor da idade, offerecer sua espada a S. Sanctidade Pio IX. Na vespera da batalha (setembro de 1860). na igreja de Nossa Senhora do Loreto. o general de Pimodan, confundido entre os soldados, confessou-se humildemente e preparou-se para o combate. «segundo o methodo catholico, diz A. de Ségur, dos Condés, dos Turennes e dos cruzados. No dia seguinte, ás 4 horas da manhã, de joelhos, no santuario do Loreto, ao lado do general de Lamoricière, à sombra d'aquellas paredes sagradas, que outr'ora abrigaram a Mãe de Deus e o mesmo Deus feito homem, o general de Pimodan recebeu o corpo divino do Salvador. Quando se levantou, estava feito e acceito o sacrificio de sua vida: o herói. o martyr tinha consummado a sua obra. faltava-lhe apenas a palma e a corôa que a batalha lhe ia dar.

«Algumas horas mais tarde avançava contra os piemontezes á frente da columna; batia-se como um leão; electricava os soldados e espantava os inimigos com sua intrepidez. Sem embargo da desigualdade das forças, Pimodan de pé, sustinha a coragem dos seus, mas quando uma bala o prostrou, a ultima esperanza succumbiu com elle. Ao batalhão franco-belga só clamava estas palavras: «Lembraí-vos que sois catholicos e sois francezes!»

«Tres balas o feriram quasi ao mesmo tempo: uma no rosto, segunda n'um pé, e a ultima em pleno peito. Esta era fatal.

«Ao primeiro golpe gritou aos soldados: «Coragem! Deus está connosco!» Ao segundo ouviram-se-lhe as mesmas palavras e ao terceiro repetiu-as ainda.

«Transportado a uma choupana, alli recebeu os primeiros socorros. No meio do tormentos horribes, ainda podia animar os que o cercavam: «Meus amigos, deixai-me, voltaí ao vosso posto, cumpri vosso dever!»

«A terceira bala atravessara-lhe a região do seio direito e saíra-lhe do lado esquerdo. Soffria horrivelmente mas levava as dores com a intrepida placidez d'um martyr. Recebidos os sacramentos no campo da batalha, falleceu á meia noite de 18 para 19 de setembro.»

Trinta e dois annos se volveram entre a morte heroica do general de Pimodan e a do general Cialdini. A primeira foi pranteada por todo o povo christão; na igreja de S. Luiz dos francezes, em Roma, fez-lhe S. Sanctidade exequias pomposissimas; Mons. Dupanloup e Mons. Pie, teceram em palavras de rara eloquencia o paeneyrico do heroico martyr do christianismo.

No juizo da historia apparecerá re-

fulgente de gloria o nome de Pimodan e sombreado de lucto o de quem pugnou por uma causa injusta.

Cesar Carmo.

SECÇÃO CRITICA

A educação e os exames officiaes

«Dê-se o ensino mas não se lancem peias no estado». (Relatorio do conselho do lyceu nacional de Lisboa em 1869.)

(Continuado do n.º 6)

Está implantado entre nós, como já vimos, e geralmente acceito sem a minima opposição, um systema de ensino, deploravel e funestissimo, poisque, planeado desde ha muito nas lojas maconicas e arteiramente introduzida pelo liberalismo impio, envolve a negação absoluta da verdadeira educação moral e religiosa da juventude.

Os pedagogos modernos só cuidam em administrar a sciencia a seus discipulos, como se a sciencia fôra o bem supremo ou promovesse o aperfeiçoamento omnimodo do homem. «Insensatos! (escreve mui judiciosamente o sabio Giner), não vêem que um alto gráu de instrucção material, o estampar e armazenar passivamente no intendmento grande copia de conhecimentos, é perfeitamente compativel com a mais grosseira incultura do espirito?» (1) Verdade esta de per si clarissima, e a que hoje em dia uma tristissima experiencia, como a pesar seu confessa o libre-pensador Lepelletier, está dando a evidencia d'um axioma incontestavel. «Ai da sociedade actual, escreve Oliveira Martins, se se não cuidar quanto antes em morigerar o povo.» O ferocissimo Behanzin, actual regulo do Dahoméy, possui muita instrucção, como o está provando aos francezes, retribuindo-lhes d'este modo o saber que estes lhe deram no lyceu de Marselha.

A sciencia athéa produzirá fatalmente, escreveu o insigne pensador José de Maistre, uma barbaria altiva e requintada, que é a peor de todas, e Luiz Philippe, aterrado á vista da feição e tendencias dos funestos resultados do ensino official, exclamava a miudo: «A Universidade levar-nos ha d antropophagia».

Ahi está Ravachol e toda a turba-multa dos anarchistas provando nos já a possibilidade de se realizar esta asserção animosa.

Ainda assim, nem todos vêem a causa do mal. São mesmo numerosissimos

os obcecados e impedernidos no erro. Tamma é a copia de sophismas amontoados desde J. J. Rousseau até Victor Hugo, com o intuito de falsear os verdadeiros principios acerca da educação! Quam poderosa a influencia d'um fagueiro preconceito por muito tempo acariciado com ternura e amor! Ah! quanto custa confessar a aberração e dizer humildemente: A CAUSA DE TODOS OS NOSSOS MALES RESIDE NO MODO FUNESTISSIMO POR QUE SE ESTÁ EDUCANDO A JUVENTUDE.

Não poucos, verdade seja, reconhecem a necessidade da educação religiosa ou pelo menos morigerada; mas negando-se a despedaçar de vez o idolo em que teimosamente depositaram as mais bellas esperanças, lançam mão, firmes em sua impenitencia, de novos subterfugios, novas escoras com que debalde intentam sustar-lhe a ruina imminente.

«Não negamos, dizem elles, a necessidade da moral na educação religiosa, mas esta parte da formação dos jovens não é da alçada do professor; função tam sancta e sublime é attribuição do pae e do Sacerdote. A eschola é o augusto laboratorio da sciencia; a Igreja e o lar domestico são os sanctuarios da religião e da moral.» Eis formulada clara e singelamente a nova objecção, o sophismo actualmente em voga—A ESCHOLA LEIGA.

«Que loucura! exclama a este proposito Le Noir, que descomunal ignorancia da natureza humana não revela esta monstruosa utopia! Consulte-se a natureza, soberana conselheira de todas as cousas—analyse-se cuidadosamente o alimento que elabora por ella para a creança no seio da mãe e para a avezinha na gema do ovo; ahi encontra-se tudo: é um alimento completo que os encerra a todos, condensando em si os diferentes elementos nutritivos, liquidos e solidos, aptos para o desinvolvimento da cria...»

«Não se educa uma alma humana, não se forma um homem completo só com mios principios de vida. O mestre que não subministrara ao alumno, em todo o decurso da leccionação, outro pabulo senão a arida e dessecante sciencia, procederá como o estolido campesino que pretendera nutrir e cevar os gados com lhes dar tam sómente herva resequida, recusando-lhes toda e qualquer bebida.» Similhante regimen não pode deixar de ser funesto, que digo? não pode deixar de ser desastroso e mortifero por numerosas razões, que mui facilmente ha de ver tambem, como nós, o leitor imparcial e reflectido. Reparando que os seus mestres, cuja auctoridade é para elle suprema, não ligam importancia senão ao saber, o joven naturalmente se inclina a descurar ou mesmo a desprezar tudo o mais. Em vão o pae

(1) *Estudios sobre Educaion*, pag. 96.

e o sacerdote doutrina, corrigem, desmandam, dão conselhos e inculcam os dictames da religião e da moral, não vingam em regra prevalecer sobre os homens da sciencia, revestidos os olhos do educando de muito maior prestigio.

Primeiro ha hesitação e duvida; por vezes trava-se n'essa alma juvenil renhida lucta e affim as ruins paixões, de parceria com os maus exemplos d'uma sociedade descrente e corrompida, dão a victoria á descrença ainda mal! e não poucas vezes á impiedade e a uma deploravel perversão de costumes.

De mais, em quantos e quantos casos os paes estão inhibidos, quasi que por absoluto, de educar directa e pessoalmente os seus filhos, e se veem na dura necessidade de desamparal-os na occasião em que mais precisam de amparo, vigilancia e correcção?

Supponha-se porém que os paes e os mestres cumprem escrupulosamente as suas augustas obrigações, caso este ainda frequente, havendo entre os professores, assim do ensino official como do ensino livre, pessoas summamente competentes, em que rebrilham as mais bellas qualidades d'honradez, desinteresse etc. e os mais nobres sentimentos religiosos, (não poucos até pertencem entre nós á classe sacerdotal).— Mais uma vez aproveitamos o ensejo para frizar bem o nosso intento: não arguimos pessoa alguma, impugnamos apenas um systema educativo que se uos antolha mão e funesto.

Está pois o joven nas bellas condições em que actualmente se pode encontrar para que a sua educação logre o melhor resultado possivel. Não existe porém na presente organização do ensino um obstaculo terrivel, um elemento corruptor e perniciosissimo, que inutilisa por completo ou em grande parte os esforços dos paes e a proficiencia educativa dos mestres? Existe infelizmente. Esse tropeço, esse baratro medonho, esse elemento corruptor é o EXAME.

Prova incontestavel da altissima penetração, que digo? d'um genio sublime e potentissimo é o realisarem-se os maiores commettimentos com meios apparentemente simples e vulgares. Assim se nos depara a magestosa operação da sabedoria divina, revestidos de semelhante caracter tambem se nos revelam os artificios nefandos d'aquelle que pretende hombrar com Deus e em quem S. Paulo nos assevera existirem insondaveis abysmos de astuciosa maldade; em fim na ordem das cousas puramente humanas, esse mesmo cuho apparece em todas as obras ou instituições geniaes. Pois bem; os exames officiaes a que está sujeita despoticamente toda a mocidade estudiosa d'um paiz, eis uma instituição, na apparencia

insignificante e trivial, mas em realidade d'um alcance immenso, formidavel a ponto de poder transmodar completamente em pouco tempo, as crenças, as instituições, a feição peculiar, a inolea o temperamento d'um povo inteiro. «Exagêro, preconceito ridiculo, asserção de maniaco, exclamam n'este ponto por sem duvida muitos leitores attentos ou saltando estridente gargalhada, ora como é possivel que consequencias tam espantosas sejam provenientes dos exames? Mas primeiro: «quem inventou os exames? sempre os houve.» Nem sempre existiram, pelo menos como se estão fazendo entre nós, nem existem ainda hoje em Inglaterra, nem na Alemanha, nem nos Estados Unidos da America do Norte etc. etc..

Quem pois inventou os exames? Foi o que na historia se chama a Revolução.

(Continúa).

O ex-alumno do lyceu J. A. R.

«Instrui! Instrui!»

(Continuação do n.º 15)

MAS lograremos, ao menos, rastear o sentido e o alcance das conclusões aventadas pelo sr. Amadeu de Freitas, que devem de encerrar o antidoto milagroso de todos os males de que, por desgraça, enferma a actual sociedade?

Porfemos por isso.

As conclusões—chamamos-lhe assim e a logica nos perdoe a injuria atroz, que lhe vae no emprego de tal termo—são as seguintes:

«Ha mais luz nas vinte e quatro letras do abecedario, do que em todas as brilhantes e refulgentes constellações do firmamento!

Luz para os cegos!

Instrução para os ignorantes!

A escola fecha a cadeia.

O professor illumina o carcereiro.»

Mais abaixo continua o illustrado articulista da «Folha do Minho»: «Espalhemos todos nós, a instrução pelos espiritos abecadados, porque depois não correremos como desnordeados, nem tatearemos como cegos, porque na instrução está a bussola que nos orienta, está o fio d'Ariadna que nos conduz atravez do inextricavel labyrintho da vida, n'esta indeterminada investigação phenomenual.

«Instrui! Instrui! porque depois só haverá o amor; e o amor é a vida.

«E a vida, é todo esse conjuncto admiravel e luminoso que nos cerca; é o canto mavioso das avesinhas, saudando gratas e reconhecidas a natureza, n'um

hymno suavissimo e melodioso; etc., etc., etc.»

A Natureza, com um N. grande, inferiram'o já os leitores. é do sr. Amadeu de Freitas. De resto, tudo muito bonito e muito de molde para um profundo artigo de philosophia transcendente, em que são abordadas, com rara mestria de alta eschola, questões de psychologia, questões de criminologia determinista, questões de penalidades capitaes e não capitaes e, como se isso não bastara, «as causas e as origens dos crimes.»

O redactor da «Folha do Minho», com ares de novo Alexandre, entra pelas regiões exploradas e não exploradas da philosophia, sobraçando biguea espadada de rhetorica balofa; e ali onde surgem os nós gordios das difficuldades, que tem desvelado as noites a tantissimos sabios, corta sem dó nem piedade essas teias de aranha, que, em balde, se vangloriarão de suster-lhe a marcha triumphante.

Que lhe fazem os conselhos da prudencia e da modestia e os avisos da experiencia quotidiana?

«Ha mais luz nas vinte e quatro letras do abecedario, do que em todas as brilhantes e refulgentes constellações do firmamento!»

Archimedes, Kepler, Galileu e Neuton, não fallavam com tal emphase ao revelar ao mundo os segredos, que foram objecto das suas celebradissimas descobertas.

Nem isso, verdade seja, causa extranheza a algum leitor, que, posto o não pense, a descoberta do sr. Amadeu de Freitas attribue-se um pouco mais de importancia e crê-se mais fecunda em resultados praticos que a d'aquelles sabios. Estes descobriram algumas leis do mundo physico e com isso pensaram haver conquistado logar de honra no templo da fama immorre-doira. O sr. Amadeu proclama aos quatro ventos da publicidade nada mais e nada menos que a lei reguladora de todo o equilibrio moral das consciencias. O que a gravitação é para o mundo physico, é a instrução, no parecer do sr. Amadeu, para o mundo moral: sem aquella a natureza seria o cahos, sem esta as consciencias macular-se-hão no vicio e a sociedade vegetará miseravelmente no crime.

Assim que a distancia immensa, que separa o mundo physico do mundo moral, mede precisamente a superioridade, que a descoberta do sr. Amadeu attinge sobre a de Neuton, Archimedes, etc.; e se a estes ninguem leu-vou a mal os seus «*curekas*», preferidos com entusiasmo tão sincero, quem de entre nós, amaveis leitores, ousará censurar o illustrado articulista da «Folha do Minho», porque expõe em phar-

se tão de sensação as suas conclusões philosophico-moralisadoras? Quanto aos pontos de admiração, que apresentam apuradas armas ás dictas phrases, estão bradando ao leitor o sentimento de que deve possuir-se. Excitantes necessarios...

* * *

É ponto assente em boa psychologia que a obediencia da vontade aos principios do recto e do justo não vae de par com o perfeito desenvolvimento das funcções da intelligencia e com a clara e lucida comprehensão d'aquelles principios.

Vêr o bem, conhecê-lo, admirá-lo e louvã-lo até, não é amal-o e muito menos practical-o: isto dá-o a consciencia, proclama-o a razão e assegura-o incontra-versamente a experiencia.

Em face de um acto de rara heroicidade o desafogo do sentimento é o applauso franco e sincero, que a razão, em breve, acompanha com seu veredictum deduzido dos principios superiores e absolutos, a cujo clarão ella julga e decide. Mas de applaudir e admirar até, com conhecimento de motivos, um acto de heroicidade a practical-o, a sujeitar-se o agente moral aos mil em commodos inherentes á pratica da acção, ainda com risco evidente e immediato da mesma vida, vae uma distancia grande de mais para poder passar despercebida ainda a olhares menos investigadores: comprehender todos os quilates de heroicidade que se encerram na pratica de uma acção—e isto é funcção da intelligencia—não é estar o agente moral resolutivo a practical-a, o que é papel da vontade livre.

É o que dizemos dos actos heroicos, que são raros, dizemol-o ainda das acções ordinarias da vida, em geral influidas por solicitações extranhas á intelligencia, solicitações que pretendem desviar o agente moral da norma de conducta traçada pela razão calma e fria.

Se não houvera essas solicitações... se o homem fóra uma intelligencia servida por órgãos, como sem razão dizia Descartes... se os estímulos de uma sensibilidade desordenada não desviassem o agente da trilha da intelligencia... não duvidariamos preconisar com exclusão o desenvolvimento das funcções da intelligencia e a sua illustração maxima, certo de que aquelle e esta seriam espontaneamente seguidos do respeito absoluto pela lei, por parte da vontade, e do seu cumprimento integro.

Mas tal não acontece: e assim não devemos pôr exclusivo afan em desenvolver a intelligencia, como se conhecer a lei e medir-lhe n'um relance todas as vantagens, assim individuaes

como sociaes. fóra amal-a e obedecer-lhe integra e omnimodamente.

Desinvolve-se e illustre-se sim a intelligencia, que para cumprir a lei, seja a natural seja a positiva, tanto divina como humana, é mister conhecê-la; mas não se descure o momentissimo problema da formação do coração, da educação da vontade livre, aliás todos aquelles esforços serão perdidos sob o ponto de vista da morigeração dos costumes. A illustração, de per si, pode tornar o homem mais responsavel e assim maior criminoso, no caso da transgressão da lei; porém, o que não faz, nem pode fazer, é homens virtuosos, bons cidadãos e bons chefes de familia.

Virtuoso o homem que allia ao conhecimento exacto da lei e de seus deveres o amor firme, eficaz e constantemente operoso d'aquella e d'estes. Ora este «amor» adquire se educando a vontade na pratica do bem com esforços assiduos e desveladissimos, dirigindo-a pelo conselho prudente e assisado, animando-a pelo exemplo vivo que edifica, corrigindo-a pela reprehensão que emenda: já amaciando naturaes rispidos e predispostos á insubmissão ao jugo salutar da lei, já fortalecendo indoles frouxas e nativamente incapazes de resistir a influções exteriores, e ainda ás internas, a mór parte das quaes se originam do desordenamento da sensibilidade.

D'estarte, querer reformar os costumes sociaes abrindo escolas, em que se illuminem intelligencias e se não formem corações e eduquem vontades, é dislate rematado e loucura manifesta: quem quer os fins não tergiversa na adopção dos meios, que se lhe antolham adaptados á consecução do fim.

* * *

É notem ainda os leitores, que nas considerações que precedem, partimos da melhor hypothese, isto é, admittimos que as escolas quando não formem corações, desinvolvem intelligencias, sob o ponto de vista do conhecimento da lei e dos deveres individuaes e sociaes.

Porém, a realidade, a triste realidade dá um desmentido formal e cruel ás nossas idealidades optimistas: as nossas escolas não formam corações mas corrompem-nos, não educam vontades para a pratica da virtude, mas degradam-nas para o culto do vicio. Não nos taxem de pessimista, que a só inspecção das paredes dos edificios dos nossos estabelecimentos de instrução primaria, secundaria e superior confirma a nossa asserção: repugnantissimo espectáculo esse, tristissimo o conceito que o estrangeiro deve ficar fazendo da

nossa mocidade—os nossos homens de amanhã—, os dirigentes d'este inqualificavel paiz. Profundamente triste!

E quanto á illustração da intelligencia, sob o ponto de vista do conhecimento da lei e dos deveres individuaes e sociaes, todos sabem, que em instrução primaria se ensina:—o abecedario, cujo poder «illuminante-moralizador» ninguém logra vislumbra a não ser o lamechismo do sr. Amadeu pela dicta *constellacão*; o systema metrico decimal, que muito util é saber-se na pratica da vida—mesmo porque ninguém sabe o que o espera—, mas cujo poder moralizador não passa despercebido; principios de grammatica elemental, que ensina a escrever sem erros cartas e outras escripturas, moraes ou immoraes, menos a fazer o homem sobrio, trabalhador, temente a Deus, bom chefe de familia, etc., virtuoso n'uma palavra; noções de historia patria, por compendios eivados de preconceitos, que não deixam de *conspirar contra a verdade*, mórmente em pontos relacionados com a religião catholica; doses homopathicas de catecismo na duodecima dynamisação, em obediencia aos processos *evolutivos*, que a revolução triumphante adoptou entre nós para deschristianisar-nos, substituindo os fecundissimos principios da moral evangelica pela hypocrisia do absurdo da moral sem Deus e da moral sem sanção...

A instrução secundaria e superior recente-se dos defeitos da instrução primaria: a formação do character moral do estudante vae correndo sem uma ideia nobre por noite, sujeita á mercê dos caprichos das inclinações proprias, do meio em que vive e das doutrinações não raro corruptoras dos mesmos professores...

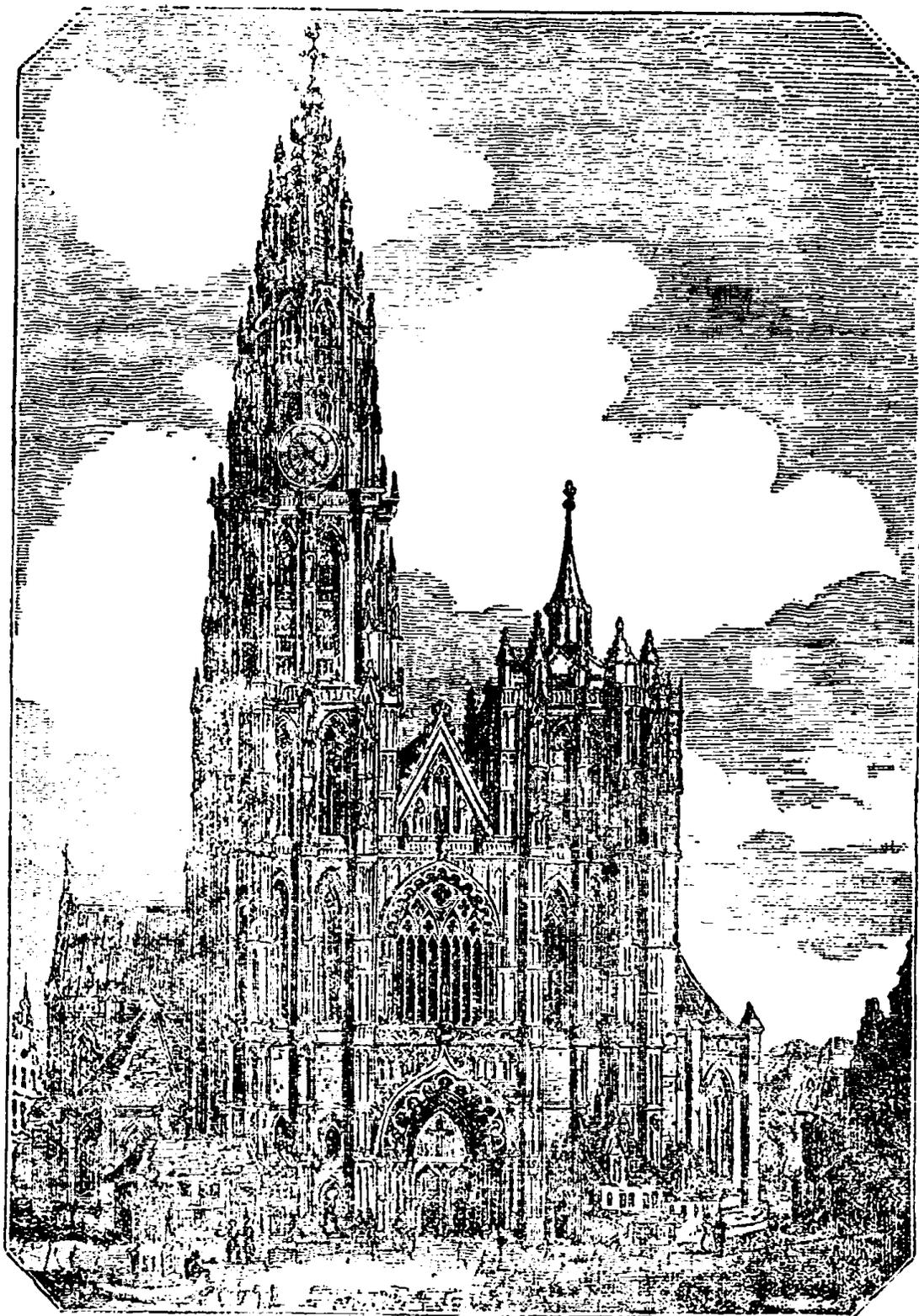
Será abrindo escolas como as que hoje possuímos que havemos de fechar as *cadeias* e de *illiminar os carcereiros*?

Será loucura esperal-a; ao revez d'isso, mais quarenta annos de escolas como hoje as possuímos e todos os districtos do reino estarão providos de espaçosas penitenciarias... Ou os mais rudimentares principios da previsão humana são mera phantasmagoria.

Paredes, 26 de agosto de 1892.

A. A.

P. S. A *Patria* veio dizer nos que o sr. Amadeu teve a habilidade de plagiar o artigo a que nos referimos. Nada temos com isso. Combatendo erros e não homens, não nos importa seja o artigo um aborto do sr. Amadeu ou do cantor do *vir de molas d'aço*, e dos *grandes soluços de granito*.



CATHEDRAL D'ANTUERPIA

SECÇÃO NECROLOGICA



Em Leiria falleceu Manuel Jacintho Dias, pae do nosso querido assignante, o R.^{mo} Padre José Maria Dias.

Vivendo como catholico, não lhe negou Deus a inapreciavel graça de morrer como catholico, adormecendo no seio de Deus fortalecido com todos os socorros espirituaes.

A seu digno filho, que hoje prantéa tam irreparavel perda, enviamos nosso pesame, e a todos os leitores imploramos uma prece em suffragio d'aquella alma que findou sua missão terrena.

D. P.

SECÇÃO LITTERARIA

O Canto da Orphã

Quando o crepusculo no horizonte desce,
Dourando o cumo da montanha erguida,
Minh'alma triste se mergulha em magoas,
Lembra-me... e choro a minha mãe querida!

Lembra-me o tempo no passallo involto,
—Tantas caricias d'esse amor tão santo!...
E agora a sorte só me traz desgostos,
Soffrendo acerbo e dolorido pranto!

Como era bello no florir dos annos...
Inda a lembrança no meu peito existe!
Mas hoje—morta—não conhece as dôres
Que eu sinto e soffro, solitario tristel!

Quando á tardinha a gomebunda rola
Na capoeira solitaria chora,
A dor eu sinto me arrastar a villa
Porque a tristeza no meu peito moral!

Ab! quando á noite a natureza dorme
E o mundo todo adormecido sonha,
Minh'alma triste pela terra vaga
Do cemiterio á solidão medonha!

Senta-se á pedra do fural sepulcro,
Ouve do mocho o funerario pio!
Evôcu... chora a minha mãe querida
Que dorme á sombra do cypraste esguelo!...

Esir.

Pede-se uma AVE MARIA por uma necessidade.

RETROSPECTO

Chronica

Portugal.—Avisinham-se as eleições. Os catholicos não devem assistir indifferentes á lucta que vai ferir se, lucta de singularissimo alcance para os interesses da patria. Muitos portuguezes,

illudidos pela falsa idéa de que um voto não salva a causa que desejavam triumphante, deixam-se pacificamente em suas casas, sem se lembrarem que semelhante proceder pode inutilisar os heroicos esforços dos que pugnam por tam sancta causa.

E' obrigação para todos obedecer á ordem do Sancto Padre, que é a voz de Deus; e essa voz, na famosa Encyclica *Sapientia christianis revocari proe opta*, depois de nos ensinar a obter a regeneração social pela oração, pela influencia do ensino, pela imprensa, pela associação dos homens com Deus e dos homens entre si, refere se designadamente ás eleições nos termos seguintes: «Em toda a parte que a Igreja não prohibe tomar parte nos negocios publicos, é um dever sustentar os homens d'uma probidade reconhecida, que promettem bem-merecer da causa catholica, e por nenhum motivo se'de permitir preferir lhes homens hostis á religião.»

Lembre-se cada um que a falta d'um voto faz perder uma eleição, e uma eleição perdida pode ser um mal gravissimo para a patria e para a Igreja.

Todo aquelle que tem o direito de votar, tem tambem o dever de votar e votar em pessoa dedicada á causa catholica.

Correu na imprensa a desagradavel noticia de que o clero bracarense se abstinha nas proximas eleições. Isso não é verdade: o clero bracarense trabalha activamente em reunir e exercitar as forças para uma batalha redemptora. Ponham-se-lhe ao lado os catholicos dotados de boa vontade.

Se os republicanos se animam a propor sessenta deputados, jámais possa dizer-se que o partido da impiedade (conscante em uma grande maioria o vemos em Portugal) seja mais forte que o partido catholico. Só a abstenção dos que, ao contrario do dever, ficassem neutros, é que podia levar-nos a esse fatal resultado.

Quanto ao dia das eleições nada por enquanto sabemos. Varias indicações se aventam a tal respeito, mas sem base solida para credibilidade n'ellas. Houve mesmo quem lembrasse o dia de Sancta Luzia, 13 de dezembro, terça feira. O aziago do dia e do numero serviria a dar que scismar aos eleitores supersticiosos, senão tambem aos eleitos, com excepção dos catholicos, independentes de crendices injustificaveis.

Hispanha.—A doença da rainha regente (que se diz sem gravidade) occupa sobremodo a nação visinha. As virtudes da soberana, a par do talento com que ha sabido exercer as funcções delicadissimas de seu estado, não sido

sufficientemente fortes para conter em respeito uns partidos que, sem ella, teriam posto em agitação aquelle povo, não pouco atormentado por contendas intestinas. O fallecimento da rainha viria talvez quebrar o periodo de tranquillidade que tem gosado aquelle povo, e no dizer d'algumas folhas madrilenas, o ministerio actual intentava obter do Sancto Padre uma Encyclica, dirigida ao clero hespanhol, em que se declarasse Affonso XIII como unico e legitimo herdeiro do throno de Hespanha.

Tramoias de gabinete. Se isto é certo, deve ser o igualmente a recusa formal de S. Sanctidade a acceitar semelhantes insinuações.

O augmento da epidemia em França lucute receios graves ás auctoridades hespanholas, e toda a imprensa se combina em requerer medidas preventivas contra o terrivel mal, de que a Hespanha conserva tam ingratas recordações. E' certo que os portos da Hespanha tem permanecido livres ás mãos vindas da Russia, Alemanha, Hamburgo e Havre: oxalá não sejam estas cautelas intempestivas, por que hospedado tal inimigo na Hespanha, temos pelo menos de soffrer o cordão sanitario, defeza improficua segundo muitos, mas de gravame para o thesouro, segundo todos.

Distrahindo um tanto as impressões do cholera, occupou attentões dos madrilenos uns duellos entre pessoas d'alta aristocracia por quem a voz do romano pontifice é pouco respeitada.

Se D. Quichote deu treguas ao duello, os francezes, em retribuição dos toros, reavivaram nos hespanhoes este costume selvagem, que em Portugal tambem ha tido amadores.

França.—A estatística incumbem-se de auxiliar o bom senso, tam inclinado a desvio no concernente á parte que a mulher toma nas occupações do sexo forte. As mulheres tendem a competir com os homens, diz a *Petite republicque française*, nas funcções industriaes, administrativas ou liberaes. E' pois conveniente mostrar a influencia na mortalidade das creanças, proveniente da admissão das mulheres aos trabalhos que são proprios do homem. Nos ultimos dez annos, de mil creanças falleceram 195, de mães com profissões á moderna, ao passo que sómente falleceram 152 creanças de mães que, á similitude de nossas avós, se entretinham nos trabalhos domesticos. Esta differença, continua o jornal citado, deveria fazer comprehender a nossos legisladores que o logar da mulher é em sua casa, e o verdadeiro progresso está não em admitir a mulher a competir com os homens, nas officinas, nas fabricas, ou

nos escriptorios, mas em fazer d'ellas boas mães de familia.

Outra estatistica, confrontando o continuo decrescimento da população, com o augmento das mais nações europeas, demonstra os horribes efeitos do divorcio, das contribuições enormes, e tantos vicios que provocam a ruina da França, tornando-a inevitavel, se não vianga em pouco tempo chamal-a a melhor viver um governo constituido por elementos catholicos.

No concernente á perseguição á igreja, proseguem as violencias da parte do governo com um despotismo de barbares. N'este mez de setembro o ordenado que o governo, pelo vigor da concordata, é obrigado a pagar aos parochos, foi suspenso ao reitor e ao cura de Plugouffan, por que uma dezena de parochianos enviaram ao ministro uma queixa de NÃO TEREM SIDO ABSOLVIDOS PELOS DOIS SACERDOTES!!!

Assim se procede na Europa, no seculo XIX, n'um povo cuja maioria é catholica.

Ora a causa d'isto são as eleições. Enquanto o povo não eleger bem, nenhum paiz está exempto d'estas hediondas anomalias.

* * *

Italia.—S. Sanctidade enviará á exposição de Chicago um grande mosaico, ha pouco mandado construir, fiel reproducção d'um antigo monumento romano. De grandes dimensões, hade contar dez mil cambiantes e esmaltes differentes. Uma grande moldura dourada, com as armas pontificias sobrepostas, guarnecerá este primor artistico.

A lucta eleitoral vai ser uma vez mais, um escolho para a consciencia dos povos. A extrema esquerda, de mãos dadas com os socialistas, não fará opposição onde o vencimento d'estes seja provavel, ao passo que a maçonaria, representada por Chrispi, offerece todo o seu auxilio ao ministerio Giolitti; a primeira quinzena de novembro, segundo se crê, será a escolhida para as eleições.

Como em Portugal, as mudanças de ministerio não restauram as finanças.

Mais vale quem Deus ajuda que quem cedo madruga: os governos liberaes, que dispensam Deus de se importar de seus negocios, por mais que se asafamem hão de nadar sempre no pelagolodoso e insondavel do deficit. Leva-nos a esta conclusão o exame desapaidado e attento das varias nações em que o Liberarismo inspira a legislação e a administração.

Os recentes estudos orçamentarios denunciam a superioridade de 77 milhões de liras da despesa sobre a re-

ceita. Era de apavorar a quem soubesse o que era honra.

Por outro lado os vinhos italianos que parece tinham agora uma derivacão conveniente para a Austria Hungria, acham-se embarçados na exportação pelo afêrro do governo austriaco no impedir a entrada que não seja em cascos de grande volume. segundo a lettra do contracto, o que é um estorvo grave para os italianos. D'aqui, não deixam os radicaes de combater o governo por causa da triplice alliança. hostilizando cruelmente a Austria, a inimiga constante da Italia. A attitude das duas nações visinhas tem se tornando tão grave, que a Allemanha julgou prudente offerecer sua mediação para chamar a um accordo as duas partes contendoras.

O editor responsavel do *Osservatore romano* foi condemnado pelo tribunaes de Roma a 15 dias de prisão e 167 liras de multa, pelo simples crime de dizer a verdade relativamente ás trannas da maçonaria na aggressão aos catholicos, por occasião de solemnisa-rein a memoria de Christovam Colombo, como relatamos a pag. 189 d'esta *Revista*. A nós nada nos surprehende que a verdade seja amarga aos herões do avental e da troilha.

* * *

Allemanha.—O governo allemão prosegue na indemnisação dos bens ecclesiasticos, confiscados pelo Kulturkampf. Ao cardeal Ledochowski deviam ser ha pouco entregues uns 180:000 marcos que o generoso prelado cedeu a Mons. Stablewski actual arcebispo de Posen. Não consta que o governo d'uma nação fidelissima cuide em imitar o governo berlinez.

Metz prepare-se a receber vestida de galas o imperador Guilherme II. Grandes manobras foram destinadas por esta occasião, aproveitando-se o ensejo de inaugurar ao mesmo tempo a estatua de Guilherme I, de bronze e 4 metros d'altura. Tudo isto é um espinho imbuído no coração da França, na qual ainda não cicatrisou o golpe recebido com a amputação das duas provincias, nem talvez cicatrisará nunca. A Alsacia e a Lorena téndem para a França como para seu centro, e em França não ha um homem, diremos até, não ha uma mulher, que não sinta uma explosão de iras em ouvindo o só nome da Allemanha. Este odio geral ha de pungir duramente um povo que não está morto quando esteja erecta na capital da Lorena a effigie do vendedor da França.

A epidemia choleric, em face das ultimas noticias, vem prevenir os allemães de que não é talvez agora o mo-

Noticias

Bons collegios.—Recebemos e agradecemos o Relatorio do collegio do Espirito Sancto, em Braga, notavel casa de educação, uma das mais importantes do paiz, por nós tanta vez recomenjada a nossos leitores. Na ultima epocha de exames obteve o collegio 328 approvações, entre as quaes 14 distincções, concedidas aos alumnos—Luiz Ferreira do Carvalho (em francez), João C. de Azeredo P. L. e Mello (em geographia), José Fernandes de L. Junior (em historia), Antonio Machado Pereira do Valle (em mathematica—1.ª parte), João Soares d'Almeida (*ibidem*), Venestlau Ota (em latim—1.ª parte), Jeronymo Soares d'Almeida (em physica—1.ª parte), José Joaquim da Silva (em litteratura), Antonio da Gama Rodrigues (em philosophia), José Joaquim da Silva (em latim—5.º anno), Antonio da Gama Rodrigues (em physica—2.ª parte), Augusto Dias de Magalhães e Vasconcellos (*ibidem*), Antonio da Gama Rodrigues (mathematica—5.º e 6.º anno), Alexandre Proença d'Almeida Garrett (allemão).

Annexo a este collegio sustentam e educam gratuitamente os dignos Padres do Espirito Sancto um grupo de cerca de quarenta alumnos, que, depois de ordenados sacerdotes, irão ser os missionarios das nossas colonias.

E' em 4 d'outubro proximo a entrada dos alumnos e em 5 a abertura das aulas.

Outro collegio, irmão d'este, o collegio de Sancta Maria, do Porto, (Largo do Coronel Pacheco—1), dirigido pelo R.ºº Doutor José G. Eigenmann, benemerito fundador do Espirito Sancto, distingue-se dia a dia pela affluencia de alumnos, attrahido pelo estremado zelo com que alli se instrue e se educa. Espirito e coração encontram n'aquella casa muito disvelo e superior interesse. Em 92 exames houve 86 approvações.

O collegio da Visitação de Sancta Maria, para o sexo femenino, em S. Miguel das Aves (Estação de Negrellos), dirigido por damas de subida competencia, teve, no dia 24 d'agosto, sua festa de distribuição de premios, salientada por excellentes execuções musicas e representações comicas, extremamente mimosas, que por 3 boas horas tiveram enlevados os muitos assistentes que alli compareceram. Terminada a festa, as alumnas seguiram, com suas familias, a gozar o descanço das ferias.

O collegio de S. José, em Villa do Conde, tambem para meninas, motivou verdadeiro delirio com a sua *academia*, como remate de aulas, presidida pelo Ex.ºº Conego Moreira Guimarães.

Aos bons paes não faltam pois recursos para a educação aos penhores de sua alma. Saibam elles cumprir seu dever e o futuro dar-nos-á uma geração menos delinquente.

* * *

Noticias da Madeira.—Nos dias 15 e 16 de julho á porta da igreja do Carmo repeliu-se a farça do anno anterior. Historiemos os factos para que os numerosos leitores do «Progresso Catholico» possam avaliar o que se tem dado. Na igreja do Carmo estava estabelecida a Ordem terceira do mesmo nome, mas o Rev.^o Commissario, que foi suspenso do exercicio das suas ordens, atrahiu a seu partido alguns dos irmãos e ainda alguns padres que estavam descontentes com o seu Prelado e todos, á sombra da Ordem, qual praça forte, começaram a guerrear-o e entre outras cousas que fizeram sobressaia um requerimento feito ao governo no qual se pedia a secularisação da Ordem. O Ex.^{mo} Prelado oppõe-se, e só na ausencia de S. Ex.^a é que o Sr. governador interino, (que era prior da ordem e um dos que assignaram o requerimento) decidiu-se a despachar o requerimento em favor dos descontentes. O Rev.^o Sr. C.^o Pinto, governador do bispado na ausencia do Ex.^{mo} Prelado, passou uma circular aos sacerdotes pela qual suspendia *ipso facto* qualquer que em mandado da confraria secularisada exercesse na dita igreja qualquer ministerio ecclesiastico. Depois d'isto começa a commedia; eil-a—no mez de julho de 1891, no dia 15, estava á porta do Carmo, coreto armado, bandeiras etc. musica por rem não apparecia e porque? porque as philarmonicas funchalenses, não vendendo a sua honra por dinheiro, recusaram-se a tocar, dando assim uma bofetada nos *devotos* do Carmo. Porem os *devotos* não desanimaram e foram á Ponta do Sol, villa que se acha a 5 leguas de distancia do Funchal, e d'alli trouxeram a philarmonica que tocou á porta da igreja no dia 15 e 16, e n'este dia de tarde a hora em que costumava sair a procissão, os musicos de bonets lirados, tocando a portugueza e acompanhados pelos *devotos* com e sem gravata, percorreram o itinerario da procissão dando vivas aos seus!!!

No presente anno repete-se a scena e é ainda a philarmonica pontasolense que representa o papel de bobo e se se repetir a representação só ella acceitará tão importante papel.

Examinemos o proceder da autoridade civil e para isso apresentemos factos que servem para julgar melhor acerca do valor das mesmas: eil-os—quando o Ex.^{mo} Prelado ha tres annos regressou da sua visita *ad sacra limi-*

na, os catholicos madeirenses quizeram manifestar a sua alegria por meio de musicas e foguetes, porem as autoridades intenderam que d'ahi vinham graves inconvenientes (quaes!?) e não permittiram. Vejamos agora o reverso da medalha—os *devotos* do Carmo pediram licença para collocarem uma musica á porta d'uma igreja com o fim exclusivo (pois não encontramos outro nem a opinião publica encontra outro) de offender a 1.^a autoridade ecclesiastica da ilha, offendendo tambem a religião com farças indecorosas; essa licença é concedida não uma só vez, mas já duas, e se os *devotos* insultados quizerem, alcançal-a-hão milhares de vezes.

Concluimos esta noticia louvando os musicos funchalenses por terem com tanta dignidade repellido com a ponta do pé aquelles que com algumas moedas lhes queriam comprar a honra, e por outro lado não podemos deixar de lamentar que a SS. Virgem, a religião, e o Ex.^{mo} Prelado sejam offendidos por pessoas que se dizem catholicas e até (custa a crel o) por sacerdotes, segundo é de opinião publica.

—No dia 25 de Julho S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Bispo conferiu as Sagradas Ordens de subdiacono e diacono a oito jovens, parte dos quaes já terminaram o curso theologico e parte terminarão no proximo anno.

—Na freguezia do Estreito de Camara de Lobos celebrou se na igreja parochial a festa do Sagrado Coração de Jesus, no dia 17, havendo na mesma occasião a brilhante cerimonia da 1.^a communhão dada a perto de 100 crianças de ambos os sexos. Depois da festa sahiu a procissão na qual iam os neo commungantes com pendões do Sagrado Coração. Tanto a festa como a procissão foi dirigida pelo zeloso parcho o Rev.^o Padre M. de Abreu Macedo, ao qual muito deve a freguezia do Estreito.

—Ultimamente na freguezia de S. Roque suicidou-se um pobre rapaz de 16 annos, que sympathisava muito com a leitura do «Seculo», jornal que seu padrinho assignava; por isso não é de admirar que dedicando-se a semelhantes leituras tivesse um fim tão tragico.

* * *

Dedicacão.—A sociedade de S. Vicente de Paulo, tam espalhada no mundo, foi nobilitada ha pouco pela heroidade de um de seus membros. Apenas o cholera appareceu no Havre, o celebre advogado H. Roussel, presidente da Associação de Maria Immaculada, e socio activo da conferencia, tornou-se um apostolo de dedicacão, accudindo aos atacados com solicitude frater-

nal, cerceando as horas das refeições e do somno, sendo incansavel n'um arduo trabalhar, sem poupar-se a nenhum genero de fadigas. Era a viva imagem de S. João de Deus. Prestes porém lhe outhorgou o céo a recompensa de tanta abnegação. Accommettindo pela inexoravel epidemia, H. Roussel falleceu após vinte e quatro horas de soffrimento.

As suas exequias foram a demonstração mais cathogorica do quanto ainda n'este mundo a virtude encontra quem lhe sagre homenagens.

* * *

Furiam assim em Portugal?—O *Ayuntamiento* de Segorbe (Hespanha) decidiu por unanimidade retirar a D. Julio Cervera capitão de engenharia, o titulo de filho predilecto d'aquella cidade, e trocar o nome da rua a que pozeram o seu nome pelo de S. José. Esta decisão parece originada n'uma petição enviada pelos habitantes d'aquella cidade por se crer que D. Julio Cervera organisara uma loja maçonica.

* * *

Duellos.—O marquez de Morès, chamado aos tribunaes pelo duello com o capitão Mayer, morto no combate, foi absolvido com os padrinhos d'esta faganha de barbaros. Foi uma injustiça: o duello é um crime a cujos auctores os codigos criminaes e a Igreja comminam sempre severissimas penas. Todavia, se a absolvição de Morès não está no corpo e no espirito da lei franceza, estava todavia na praxe, pois ha tanto tempo vemos os tribunaes francezes passarem de alto em delictos d'esta natureza.

Monsenhor Freppel, Maximo Lecomte, Cluseret e Monsenhor d'Ilulst, fizeram nas camaras propostas de lei sobre o infeliz costume dos francezes, que tantas victimas ha já feito, costume tam inveterado, que nem os mesmos catholicos como o marquez de Morès, sentem coragem bastante de conculcar.

E este duello foi sequencia d'outros. O capitão judeu, Crémieu Foa, bateu-se em junho com Eduardo Drumont e em seguida com o sr. Lamase, de que resultaram umas arranhaduras. O processo do duello Lamase devia ficar secreto, mas dando-se revelações, o marquez de Morès, padrinho no duello, pediu explicações sobre o assumpto. O capitão Mayer, judeu, sem ter feito as revelações, tomou a responsabilidade d'ellas e desafiou o marquez. Foi o encontro em 24 de junho, caindo mortalmente ferido o capitão Mayer, lente de instrucção militar na Eschola polytechnica e professor de esgrima.

Durante a prisão do marquez de Moirès, o capitão Crémieu-Foa, disposto a desafiar o marquez quando posto em liberdade, foi enviado ao Dahomey.

Nos debates do julgamento do marquez, apurou-se que um irmão do capitão Crémieu Foa, fôra o auctor das indiscripções que motivaram o duello. Duramente tractado nos debates pelo presidente do tribunal, pelo advogado e pelo capitão Trochu, foi desafiado o capitão a Meaux, sendo repellido pelos outros officiaes, preso em seguida, e n'uma furia de envergamento promette em se vendo em liberdade, desafiar todos os capitães do regimento.

Os judeus em França, que lograram occupar muitos logares no commercio, nas academias, no exercito e na administração, repelliam tenazmente os que não eram da sua seita, dando occasião ao movimento antisemitico, de que Eduardo Drumont ha feito um verdadeiro apostolado, pelas obras importantes escriptas a tal respeito e pela imprensa quotidiana. O odio, naturalmente engendrado entre os dois campos, pode lançar a França n'um terrivel conflicto, attenta a grande influencia alli exercida hoje pela raça judaica.

Setembro—12.

D.

Pede-se uma AVE MARIA por uma necessidade.

VARIÉDADES

Uma boa lição

(Continuação do n.º antecedente)

—Minha querida, suggeriu logo a marqueza, faltou-te a felicidade de por mais tempo conservares tua mãe. Ensinar-te-ia coisas que nunca te foram ditas. Intelligente e bondosa como és. Intendel as-ias promptamente. Não te perturbes, não quero fazer-te um sermão, mas sabe que a Providencia, se muitos dons nos outhorgou, muitos deveres nos impoz. E' por ignorares esta verdade que alguma hora te julgas infeliz. Deus foi tam generoso para contigo!...

—Mas, objectou Margarida, que deveres esqueci eu? Adoro meu marido, velo-lhe attentamente pela casa, recebo com respeito os seus amigos, não gasto mais que o que me dá...

—E é isso bastante? Não ha deveres somente para os que são nossos... Está o mundo cheio d'uns infelizes, d'uns desherdados, a quem importa consolar e animar.

—E é n'isso que te empregas? inquiriu Margarida.

—Ensaio-me um pouco.

—Ensaio sempre bem coroados, não? Nunca d'elles te vicram desgosto? Olha lá, marqueza, já que falaste n'isso, deixa-me que seja franca.

—Com o maior prazer.

—Pois bem! Ao lado de mim ouvi disculpir por muitas vezes isso a que dão o nome de *tuas illusões*; mais d'um sorriso menos benevolo vi apparecer em labios incredulos. Pois será certo que por esse mundo haja pobres como se affirma?

—Tantos te farei eu ver, quanta fôr a tua vontade em acompanhar-me.

—Mas esses pobres, ou fingidos taes, não podem ser uns preguiçosos, uns impostores, uns vadios?

—Raciocinam assim os egoistas que desviam de si a obrigação que lhes toca. A verdade não é essa. E' certo: entre os pobres ha-os preguiçosos, mentirosos e maus, mas não ha tambem d'isso, e muito... muito, cá na gente que se diz da boa sociedade? E não serão estes mil vezes mais criminosos, não tendo a desculpa os nem a ignorancia, nem o soffrimento, nem a alma impaciada pelas desgraças? Se conheceras o bem que aos infelizes se pode fazer com uma só palavra consoladora!

—Eis uma das *tuas illusões*, pois não é? Quantas vezes estou eu vendo estes mariolas, podres d'alma, a incensar-te com lisonjas, para te flegar uma maior esmola? A simularem dar-te muita attenção para subornar-te o coração generoso?

—Bem sei que alguma vez isso acontece; mas a regra não é essa. Demais, se de cem almas, se de mil até, eu conseguisse a salvação de uma, não seria bem cheio de gloria o meu triumpho? diziá a marqueza com voz serena e grave. Não valeria mais que todos aquelles a que te consagras, que todos os applausos que obtens, quando soltas a tua bella voz ou dedilhas magistralmente o teu piano?

Margarida não se deixava ainda com vencer.

Refleccionava.

—Ora vá lá, continuou a marqueza, queres fazer uma experiencia, certificar-te pessoalmente da realidade ou falsidade das minhas esperanças? A'manhã és minha socia de excursões; julgarás por ti mesma as *illusões* em que malbarato as minhas horas. Aceitas?

—E' oiro em azul, minha amiga, interrompeu Margarida que via ensejo d'algumas horas distrahidas. Consinta o meu marido, e toda fico ao teu dispor, querida marqueza.

—Uma pergunta? Quando vais fazer estações de tres horas na modista, ou visitas as tuas gentis amigas, tambem requeres licença ao sr. teu marido?

—Oh! não! Com tanto que esteja em casa ao tocar para a mesa; que a minha *toilette* seja graciosa e o rosto jovial, nada mais me exige o marido.

—Então para que vais revelar-lhe o nosso projecto? O estudo que te proponho não será feito n'um só dia. Para o levar ao fim, forçoso ha de ser um esforço sobre ti mesma; talvez não tenhas persistencia para elle. Ora é sempre desagradavel ter de confessar uma falta de perseverança, uma falta de consequencia em nossas idéas.

—Julgas...

—Que vai melhor a informação a teu marido depois da prova feita, não te parece?

Certo, não era esse o motivo verdadeiro que inspirava as palavras da marqueza. O marido de Margarida era pobre d'aquelles que muito precisam de lições a atenuar lhes o egoismo inconsciente, e a boa senhora temia-se de que as reflexões d'elle fossem um perigo para a resolução da esposa.

—Seja! concluiu esta; eu não direi nada; á manhã estou ao teu lado. Vem...

—A's duas horas, ás duas em ponto, affirmo-te que á noite, longe de te queixares, terás que agradecer a Deus, a esse Deus que tam pouco prezas, se é que o não esqueces de todo, os beneficios de que te fez tam largamente mimosa. Adeus, adeus. Tarde que é! Olha como vòo o tempo quando levado em coisas serias.

* * *

No dia seguinte chegou a marqueza ás duas horas, trazendo um grande pacote que não quiz deixar da mão.

—Aonde me vais levar tu? inquiriu Margarida.

—Oh! não ha que ir muito longe para encontrar o que se quer. A dois passos da tua casa; só temos o incommodo de escolher...

Estava se na avenida.

—Aqui mesmo? n'este bairro? E' lá possível? additou Margarida, incredula e perplexa.

—Vais desenganar-te, mesmo já... Sairam.

Deus accudiu pelas poucas forças da neophyta. O tempo amenisára; um frouxo raio de sol allumiava um ceo desnublado; podia-se atravessar as ruas sem o perigo de escorregar na humidade dos passcios.

Em menos de tres minutos chegaram á rua X... á entrada d'um vasto pateo, que a marqueza transpoz rapidamente, seguida pela companheira. Tanto que foi presentida, um grupo de creanças, a mais velha das quaes não ia além dos seis annos, accudiram offegantes, soltando uns gritos de consoladora alegria. A' frente de todas, fir-

mando se com notavel vigor nas suas pequenitas pernas, avançava um gorducho búbé, de quatro annos, cujo rosto desensombrado annunciava todo o prazer que lhe ia na alma.

Era um pequenino surdo mudo, que dedicava á marquezia de Condor um extremoso affecto justamente motivado.

Esta inclinou-se, depoz nas faces dos traquinas um beijo maternal; tirou da algibeira um pacote de biscoitos e distribuiu os equitativamente áquelle bando de innocentes.

Souo então uma explosão de exclamações unisonas.

—Vês tu, filha, disse a marquezia, quanta felicidade se pôde conceder com a despesa de dois vintens? Agora vamos ás mães.

Encaminhou-se a marquezia para a escada sombria e estreita e galgou-a em quatro passos.

Entrou, ao lado de Margarida, n'um aposento frio e nu, cuja mobilia entrara ha muito no periodo da invalidez, e onde a limpeza nem tinha sequer o logar de hospeda.

Ao fundo, n'uma enxerga sem lençóis, jazia uma mulher, pallida, magra, d'uma idade pouco definivel, com um recém-nascido ao pé, envolvido n'uns miserros farrapos.

—Eis, observou a marquezia, um impaciente, cheio de pressa em vir ao mundo. Como ninguem o esperava, nada foi disposto para a recepção d'elle. Mas vamos a remediar tudo isso. A Irmã Leocadia, vem mesmo ahi a proposito para nos ajudar.

Com effeito, a porta abria-se e dava entrada a uma Religiosa, incumbida de velar os doentes.

—Ajude-me, Irmã, vamos vestir este pequeno imprudente, annunciou a marquezia.

E n'um relance, aquella similhancita de gente foi despida de andrajios, e envolvida confortavelmente n'uma camisola de flanelia e n'umas faxas de baetilha trazidas pela marquezia.

—Agora, continuou, falando para Margarida, vais-te sentar áquelle canto, com este homemsinho sobre os joelhos,

de modo que o não deixes gritar nem cair; tem cuidado, estes bonequitos não tem grande consistencia; caindo quebram.

—Não serei tam estouvada como rezeiras, replicou Margarida, ensaiando-se no cargo que lhe deu a marquezia. Apesar da presumpção, breve denunciou a sua falta de geito, destruida com tudo por uma boa vontade.

No entretanto, a Religiosa e a marquezia deram ordem ao leito, lançaram-lhe lençóis lavados, collocaram a enferma entre molles travesseiros e reanimaram-lhe as forças com um caldo confortador, ao tempo que a marquezia, falando sempre, dizia para Margarida:

—Vê lá, esta rapariga tem agora o seu terceiro filho. Os outros dois andavam n'aquelle grupo que nos saudou ao entrar. Até á ultima primavera tudo ia uma fortuna para esta boa gente; o

marido ganhava uma fêria muito linda, a mulher, em botões para os sirguciros, colhia os seus dois tostões diarios. Com a jorna do marido dava-lhe menos mal para a despesa. Mas, inesperadamente

á porta bateu-lhes a pallida doença: o pobre do homem lá foi para o hospital, onde jazeu atormentado uns longos dois mezes; melhorado um pouco, saiu, mas ha umas tantas semanas que não encontra que fazer. Duro tempo lhes tem sido este, em que aos mesmos filhos quanta vez lhes tem faltado uma fatia de pão para diminuir a fome.

—Teriam ido á mingua se nos não valêra a sr.^a Marquezia sempre tão caridosa, interrompeu sensibilizada a pobre da mãe; sem v. ex.^a o que teria sido de nós!

—Oh! foi para mim uma graça do céu o ter-vos auxiliado, concluiu a marquezia. Ah, não te desarranjes; aqui está um vale para um berço, manda-t'o á Conferencia. Que o compre ámanhã o teu homem, e depois d'amanhã, domingo, ha de ser o baptisado do pequeno, domingo sem falta, não pôle ficar para mais tarde.

—Tambem assim o desejo, sr.^a Marquezia, mas é que ainda não sabemos de padrinho nem de madrinha.

—Não te dê isso cuidado; tudo ha de apparecer. Eu estarei na igreja e alli haverá quem responda em nome de teu filho.

—Que boa é v. ex.^a para connosco...

—Agora adeus! A Irmã cuidará de ti. E a marquezia dirigiu-se para a porta, em tanto que Margarida, abeirando-se do leito, depunha na mão da enferma a quantia de dois mil reis, segredando-lhe ao ouvido:

—Para os gastos do baptisado.

A enferma, surprehendida, ia desabafar em agradecimentos, quando Margarida lhe ordenou silencio, pondo lhe o dedo nos labios, e seguiu após a marquezia, que tendo percebido e comprehendido tudo, revelou n'um sorriso a perpassar-lhe nos labios a consolação que lhe enchia a alma.

—Temos tudo a esperar! pensava a marquezia.

Alguns passos mais, e entraram no aposento d'uma pobre velha, detida na sua cadeira de braços por um rheumatismo chronico. Alli fez tambem a marquezia ouvir palavras de conforto, difundiu o auxilio de suas esmolas e recolheu testemunhos de gratidão.

Cada vez mais se admirava Margarida em presença de tanta dedicação, unida a uma grande simplicidade, e o enternecimento que entrava a senhora-real-a, trazia lhe ás palpebras uma lagrima deliciosa.

Ao deixarem este humilde aposento, dispunha-se a marquezia a voltar a casa da amiga, intendendo ter sido longa assas esta primeira licção.

Deus tinha porém disposto d'outro modo. No patamar, uma mulher, com uma creança nos braços, deteve a sr.^a Marquezia.

—Perdão, minha senhora, disse ella, por demorar a v. ex.^a. Mas v. ex.^a tem vindo aqui tantas vezes, eu bem conheço a v. ex.^a; nunca porém entrou em nossa casa, e nós somos tam pobres!

(Conclus.)

Vers. de Cesar Carmo.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1800 reis—Estados da India, China, e America, 1820 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

**As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou pelo anno.
O anno começa no 1.º sabbado de Janeiro**

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a Manuel Maria Fructuoso—Correio de NEGRELLOS (Concelho de SANCTO THYRSO)
Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.